



ESCRAVAS FIÉIS: A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM SERVIÇAL DOMÉSTICA NA NARRATIVA DE MILTON HATOUM

Estrela Dalva Amoedo Viotto (UNIR)¹

RESUMO: A proposta deste artigo é fazer um estudo sobre a construção de um tipo de personagem comum aos três romances e a novela de Milton Hatoum: a empregada, serviçal doméstica explorada e humilhada, mas de importância fundamental para as famílias a que servem, representada nas figuras de Anastácia Socorro, em *Relato de um certo Oriente*; Domingas, em *Dois Irmãos*; Naiá, em *Cinzas do Norte*; e Florita, em *Órfãos do Eldorado*. Partimos do princípio de que essas personagens compõem a representação de um grupo social, cujas raízes da sua criação encontram-se na realidade social das crianças indígenas, colonizadas e escravizadas, e das muitas mulheres, caboclas pobres das cidades do interior da Amazônia, exploradas por grupos familiares abastados de Manaus.

PALAVRAS-CHAVE: Construção, Personagem, Serviçal doméstica.

ABSTRACT: The proposal of this paper is to do a study about building a kind of character common to all three novels and the novel by Milton Hatoum: the maid, domestic servant exploited and humiliated, but of fundamental importance for the families they serve, represented in figures of Anastácia Socorro in *Relato de um certo Oriente*, Domingas, in *Dois Irmãos*, Naiá, in *Cinzas do Norte*, and Florita in *Órfãos do Eldorado*. We assume that these characters make up the representation of a social group whose roots of its creation are in the social reality of indigenous children, colonized and enslaved, and many women, poor natives the inner cities of the Amazon, operated by wealthy family groups of Manaus.

KEYWORD: Construction, Character, Domestic servant.

1. Introdução

A Amazônia retratada na obra de Milton Hatoum faz referência ao período áureo da exploração das riquezas naturais e do crescimento industrial, incentivado pela

¹ Aluna do Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

implantação do projeto político militar para a Amazônia brasileira. Os três primeiros romances do escritor, *Relato de um certo Oriente*, *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte*, estão situados entre os anos 60 e 80 do século XX, enquanto que na novela *Órfãos do Eldorado*, o período histórico focaliza o final do século XIX e o início do século XX. Em todas as obras, Hatoum traz como núcleo dramático grupos familiares de diferentes origens, mas que têm em comum o conflito, as paixões desmedidas e a ruína econômica, reflexo da lógica do capital e das mudanças socioeconômicas ocorridas na Amazônia, no Brasil e no mundo nos tempos históricos em referência.

Em comum também, as obras de Hatoum trazem a presença de representantes de uma classe trabalhadora quase invisível para a sociedade: as empregadas domésticas, presença recorrente em três romances e uma novela publicados pelo autor. Essas personagens, no entanto, não são trabalhadoras com seus direitos reconhecidos, ou pelo menos assalariadas; são mulheres submetidas a um regime de quase escravidão, estabelecido por um processo histórico e cultural aceito por séculos e ainda hoje vivenciado na Amazônia brasileira.

O autor reúne em seus textos história e ficção, e coloca lado a lado em sua narrativa aspectos da memória histórica tradicional de Manaus, Parintins (que em *Órfãos do Eldorado* recebe o nome de Vila Bela) e Vila Amazônia e aspectos do cotidiano de grupos de trabalhadores e famílias simples, frequentemente relegadas ao esquecimento no discurso histórico sobre a Amazônia. Os percursos das personagens têm suas raízes na vivência coletiva dos diversos agrupamentos humanos que tiveram participação ativa na colonização de Manaus e adjacências, e que ainda hoje estão presentes naquela localidade: empresários vindos do exterior ou do centro-sul do Brasil, comunidades de língua árabe, trabalhadores de outros estados brasileiros, comunidade indígena, ribeirinhos, estudantes, artistas, trabalhadores urbanos, entre outros. Assim, entendemos que a exploração do universo individual de cada personagem tem seus reflexos na experiência da coletividade.

Tal reflexão encontra ecos no artigo intitulado “Laços de parentesco: Ficção e Antropologia”, de autoria de Milton Hatoum, publicado na Revista Raízes da Amazônia, revista científica do Núcleo de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais do

INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Nesse artigo, o autor afirma que ficção, antropologia e experiência mantêm uma forma peculiar de parentesco, ou alguma afinidade, na medida em que a concepção de um romance e a criação de uma personagem possa ser esboçada a partir do contato com comunidades de culturas diversas e/ou da leitura de estudos antropológicos e relatos etnográficos, bem como de observações pessoais do autor quanto aos costumes e comportamentos humanos. Além disso, segundo o autor, há algo essencial que une antropologia e ficção: “ambos falam do Outro e elaboram um discurso sobre a alteridade.” (HATOUM, 2005, p. 83). No entanto, há também um grau de distanciamento, uma vez que a criação literária se constrói livremente, é um texto inventivo, sem a obrigação de ligar a personagem ao sistema simbólico e social de um povo.

Assim, observamos que é a partir desse processo de criação de personagens que de algum modo representam uma coletividade e que, segundo Antonio Candido, “embora nutrido de experiência de vida e da observação, é mais interior que exterior” (CANDIDO, 1992, p. 73), que surgem Anastácia Socorro, de *Relato de um certo Oriente* (1989), Domingas, de *Dois Irmãos* (2000), Naiá, de *Cinzas do Norte* (2005) e Florita, da novela *Órfãos do Eldorado* (2008), personagens femininas, vítimas de um projeto civilizatório mal conduzido e inacabado, representado em toda a obra romanesca do autor.

2. A Gênese da personagem

A análise das personagens do romance é frequentemente confundida com a análise de uma pessoa real, ficando sua construção textual muitas vezes relegada à periferia da análise. Antonio Candido nos alerta para essa questão em seu texto *A personagem do romance* (1992), em que afirma que há afinidades e diferenças entre o ser ficcional e o ser vivo, e que isso é importante para criar a verossimilhança no texto ficcional. Entretanto, quanto se parte para a análise individual percebe-se que quando se trata de um ser vivo sabemos que não somos capazes de *abranger* a sua personalidade

do mesmo modo como somos capazes de descrever sua configuração externa. Em se tratando do ser ficcional, objeto de natureza diversa do real, essa capacidade de *abrangência* psicológica e física nos parece possível, mas isso ocorre devido à própria lógica do personagem, cuja linha de coerência já está fixada pelo romancista. Este, ao criar suas personagens, aborda-as de modo fragmentário e retoma, “no plano da técnica e da caracterização, a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes.” (CANDIDO, 1992, p. 58), entretanto, essa elaboração se dá de forma mais coesa, delimitada, menos variável. Daí a nossa ilusão de lidarmos com um ser real e de termos capacidade de abrangê-lo, embora não seja menos complexo que o seu modelo.

Diante dessas colocações surge a questão da relação da personagem com a realidade. Candido deixa claro que é impossível transplantar uma personagem da realidade, copiar um ser vivo, exatamente porque a totalidade do seu modo de ser jamais seria captada, apenas fragmentos do ser, além do fato de que a criação artística e o encanto da ficção ficariam comprometidos, caso isso ocorresse. Porém, “acima e além da ilusão de fidelidade” (CANDIDO, 1992, p. 67), é possível torná-la tão semelhante a um ser vivo, participante de um universo de ação e de sensibilidade, que, em muitos casos, o leitor chega ao ponto de criar uma relação de alteridade com a personagem.

Mas, se não é uma cópia do real, de que substância são feitas as personagens? Candido busca algumas respostas em François Mauriac, um romancista de técnica tradicional, que afirma que é da memória que o autor extrai os elementos da invenção: “Cada escritor possui as suas ‘fixações da memória’, que preponderam nos elementos transpostos da vida.” (CANDIDO, 1992, p. 67). As personagens nascem das pessoas vivas, mas não correspondem a elas, são invenções, transfiguração da vida. É também o que afirma Milton Hatoum em entrevista concedida à revista virtual do Instituto de Cultura Árabe (22/05/2009):

São em grande parte invenções... O personagem deveria ser uma figura mais complexa do que alguém que você conhece, com a qual você conviveu. É uma soma, um acréscimo e uma construção que dá muito trabalho. Os



personagens não são figuras aleatórias que surgem ao acaso, ao bel prazer da escrita. O autor pensa neles, o que quer deles, o que quer para eles e que relação que eles terão com os outros porque eles só existem em conjunto com os outros, com a trama. (HATOUM, 2009)

Mauriac também diz que personagem e autor têm uma relação estreita. Segundo ele o autor a tira de si “como realização de virtualidade, que não são projeções de traços, mas sempre modificações” (in CANDIDO, 1992, p.67). Hatoum confirma essa possibilidade em entrevista à revista Airbone (09/2011). Quando questionado sobre modo como constrói seus personagens, afirma: “Todos eles têm algo de mim. Os meus piores sentimentos, o meu lado obscuro está lá.” (HATOUM, 2011). Assim, ainda que sendo inventada, a personagem mantém vínculos com a realidade matriz. É a concepção do autor, sua tendência estética e suas possibilidades criadoras que vão demonstrar mais ou menos a realidade básica a que está vinculada.

Reis & Lopes, em seu *Dicionário de Teoria da Narrativa* (1988), referem-se a estudos que apontam para uma concepção de personagem como signo, mas que não perde o teor dinâmico presente na narrativa. Para explicar melhor esse conceito, citam Hamon (1983, p.20):

Manifestada sob a espécie de um conjunto descontínuo de marcas, a personagem é uma unidade difusa de significação, *construída* progressivamente pela narrativa... Uma personagem é pois o suporte das redundâncias e das transformações semânticas da narrativa, é constituída pela soma das informações facultadas sobre o que ela *é* e o que ela *faz*. (HAMON in: Reis & Lopes, 1988, p. 216)

Tal conceito aponta também que a funcionalidade e o peso específico na economia do relato são determinados pelo procedimento de estruturação da narrativa. Assim, se a personagem se caracteriza como *personagem coletiva* (sua composição remete, por exemplo, a cenários diegéticos com acentuada marca social), tenderá a “evidenciar a opressão e a desqualificação do indivíduo, acontecendo o inverso quando a *personagem* é fortemente individualizada” (REIS & LOPES, 1988, p. 218).

Candido assevera que o estudo da gênese da personagem passa a ter um norte quando há indicação a esse respeito fora do romance, seja por evidência documentária, seja por declaração do próprio autor. Quando não há, é possível somente fazer um estudo sobre a tendência geral do escritor quanto a esse assunto. No caso específico do tema deste trabalho, além da exploração da obra romanesca do autor, encontramos no artigo “Laços de parentesco: ficção e antropologia, de autoria de Milton Hatoum, bem como em estudos sobre a realidade social a que as histórias das personagens em estudos nos reportam, algumas pistas para entendermos a concepção das personagens em referência.

3. Escravas fiéis: uma aproximação à construção das personagens serviçais em Milton Hatoum

No artigo citado na seção anterior, Milton Hatoum elabora uma discussão sobre a aproximação (e os distanciamentos) entre ficção e antropologia e, a partir dela, comenta sobre a concepção da personagem Domingas, a empregada do seu segundo romance, *Dois Irmãos*. De acordo com o autor, a gênese dessa personagem foi esboçada antes do surgimento do romance: ela surge das memórias de duas viagens feitas pelo autor ao Alto Rio Negro, da memória das cenas de humilhação e resignação de mulheres exploradas, presenciadas por ele nas casas de famílias em Manaus, e da leitura de obras literárias. Destas últimas, o autor observou que no romance europeu dos séculos XIX e XX, a empregada é uma personagem comum. Apesar de terem suas características particulares, essas mulheres são marcadas pela humilhação e pelo trabalho sem descanso. No contexto social da época, Hatoum observou também que muitas mulheres e crianças do sexo feminino trabalhavam sem remuneração. Além disso, observou que no Brasil também há a presença de personagens femininas pobres e humilhadas, como ocorre com Dona Plácida, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e Macabéa, em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. A esse respeito assegura Hatoum:

De algum modo elas espelham – na trajetória ou no recorte de uma vida sofrida -, as mazelas da sociedade brasileira, nas formas brutais de espoliação a que são submetidas, como ainda ocorre em grande medida no País. São personagens que comovem o leitor, e pertencem à imensa família de figuras femininas exploradas e humilhadas, como a servente Félicité, do conto *Um coração simples*, de Flaubert. Foi sobretudo esta última que, do ângulo da tradição literária, me inspirou para construir o personagem Domingas. (HATOUM, 2005, p. 86)

Por isso, ele afirma que Domingas, ainda que no romance tenha origem indígena (é filha de índios do Médio Rio Negro), é e não é uma índia, pois suas características etnográficas e sua constituição antropológica são pouco ressaltadas na narrativa. Sua construção foi movida “sobretudo por uma adesão afetiva a pessoas desgarradas de seus povoados, que moravam e trabalhavam em Manaus” (HATOUM, 2005, p. 84).

Domingas é uma personagem de grande importância em *Dois Irmãos* e sua origem e destino retratam o que vem acontecendo com muitas crianças indígenas da Amazônia desde a sua colonização. Vivia no pequeno povoado ribeirinho de São João, não conheceu a mãe e perdeu o pai quando ainda era criança, foi separada do único irmão e levada a um orfanato dirigido por religiosas na cidade de Manaus, onde foi “aculturada”, alfabetizada e batizada na religião cristã católica. No orfanato sofreu muito nas mãos da irmã Damasceno, a mesma que ofereceu Domingas a Zana, então recém-casada com Halim, que a aceitou dando em troca os móveis do antigo restaurante de seu pai e uma doação em dinheiro. Em outros termos, a pequena Domingas foi veladamente vendida.

O que ocorre com Domingas na ficção, foi (e ainda é) fato na vida de muitas crianças indígenas na Amazônia. Em ensaio intitulado *Crianças Indígenas “Urbanas”: aproximações a uma historiografia da Amazônia* (2007), publicado na revista científica EccoS, o professor Roberto Mubarak Sobrinho faz um percurso histórico sobre os fatores que levaram as crianças indígenas para a cidade e como elas foram acolhidas na nova realidade. Segundo ele, além da sua utilização pelo colonizador para a exploração dos recursos naturais, muitas foram entregues aos eclesiásticos (especialmente os

jesuítas) para serem “educadas”. Muitas também perderam seus pais em conflitos com os brancos, como aconteceu em 1940 com os Parkatejês (conhecidos também como Gaviões), em conflito com os coletores de castanha-do-pará. Após a morte da maioria das mulheres da tribo, a única alternativa foi entregar seus filhos aos cuidados dos brancos: “As crianças que tinham entre cinco e 15 anos (seis mulheres e sete homens) foram entregues às famílias dos funcionários públicos, por meio dos eclesiásticos” (SOBRINHO, 2007, p. 477).

O professor Samuel Benchimol, em seu estudo intitulado *O crescimento de uma cidade no vale amazônico* (2005), publicado na revista do INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, afirma que o batismo dos indígenas em Manaus – não subestimando a importância social dessa prática religiosa – servia como porta de entrada para a sociedade branca. Uma vez espoliados de sua cultura e de sua terra, restava a eles lutarem por sua sobrevivência na cidade. A cerimônia para eles não tinha importância efetiva, mas era o meio que encontravam para persuadir os brancos a se tornarem padrinhos de suas crianças ou os tomarem como seus empregados.

Aliás, foi justamente a formação religiosa de Domingas, que ainda menina costumava pedir a bênção de todo mundo, que a aproximou de sua patroa Zana. O marido de Zana, Halim, observando o costume de sua esposa de rezar em companhia de Domingas, comenta com Nael: “O que a religião é capaz de fazer. Pode aproximar os opostos, o céu e a terra, a empregada e a patroa.” (HATOUM, 2000, p. 65). No entanto, a religião não impedia esta última de explorar seu trabalho até a exaustão: obrigava-a a acordar de madrugada para fazer o café da manhã, inventava mil e uma tarefas, humilhava-a. Cuidava dos filhos de Zana como uma escrava, especialmente um dos gêmeos, Omar, que todos as madrugadas chegava em casa bêbado e a submetia à serviços deploráveis, chegando ao ponto de um dia violentá-la, por inveja do irmão gêmeo que gozava da afeição da empregada. Nael, filho de Domingas com um dos gêmeos, que teve a liberdade tolhida como a mãe, a descrevia como a “sombra servil” e “escrava fiel” de Zana e assim resume sua vida: “Domingas serviu; e só não serviu mais porque a vi morrer, quase tão mirrada como no dia em que chegou a casa, e, quem sabe, ao mundo.” (HATOUM, 2000, p. 65).

Domingas sabia-se uma escrava, tinha consciência do seu lugar social e esperava que a liberdade lhe fosse concedida, como um favor pelos patrões. Morreu servindo, aos cinquenta e poucos anos, deitada na rede vermelha em que Omar costumava deitar depois das noites de esbórnia.

Anterior à construção de Domingas, Hatoum já havia inserido em seu primeiro romance, *Relato de um certo oriente* (1989), uma personagem que traz em sua concepção traços desse tipo humano: a lavadeira Anastácia Socorro. Também de origem indígena, esta foi trabalhar na casa de Emilie, a matriarca de uma família de origem libanesa, quando já era adulta, incentivada pelo tio. Há poucas informações sobre sua origem na obra. Tinha filhos, e o pagamento pelo seu trabalho eram algumas doações que recebia da patroa para vesti-los e alimentá-los. Assim como Domingas, era mediadora nas crises do casal a quem servia: ajudava-os nos momentos de crise, sacrificava as raras folgas que tinha para visitar os parentes para buscar o marido de Emilie quando este saía raivoso e passava a noite fora de casa. Além disso, trabalhava até a exaustão por ordem da patroa e era extremamente humilhada por ela e por dois de seus filhos, inominados no romance.

A situação humilhante dos serviçais da casa é descrito especialmente por um dos filhos de Emilie, Hakim, através da voz da narradora. Este detestava o que via, a ponto de ser esse um dos motivos que o levou a se afastar de casa. Não queria ser vítima nem agressor e rechaçava a “estupidez, a brutalidade no trato com os outros. No meu íntimo, creio que deixei a família e a cidade também por não suportar a convivência estúpida com os serviçais” (HATOUM, 1989, p. 87-88), confessou à sua irmã, a narradora sem nome.

É dele que partem as principais informações quanto ao que ocorria na casa e as críticas quanto a esse costume, pois sabia que as lavadeiras e empregadas nada recebiam para trabalhar e que isso era corriqueiro na região. A exploração e os maus-tratos se estendiam aos filhos e afilhados que eram levados pelas serviçais à casa dos patrões com o intuito de conseguirem alimentá-los, como relata Hakim:

A humilhação os transtornava até quando levavam a colher de latão à boca. Além disso, meus irmãos abusavam como podiam das empregadas, que às vezes entravam um dia e saíam no outro marcadas pela violência física e moral. A única que durou foi Anastácia Socorro, porque suportava tudo e fisicamente era pouco atraente. Quantas vezes ela ouvia, resignada, as agressões de uns e de outros... Vozes ríspidas, injúrias e bofetadas também participavam deste teatro cruel no interior do sobrado. (HATOUM, 1989, p.. 85/86).

Outra situação que segurava Anastácia Socorro em casa era uma tentativa de Emilie de manter uma relação cordial com a empregada, quando a convidava para bordarem juntas na sala e conversarem. Era nesses momentos que ela “enfeitiçava” Emilie com suas narrativas sobre os mistérios da floresta, que se alongavam o máximo que Anastácia conseguia, pois somente nessas ocasiões é que ela descansava e conseguia a “suspensão momentânea do martírio” (HATOUM, 1989, p. 91/92), ou seja, narrava para não morrer, a exemplo de Shehrazade. Também por seu parentesco com Lobato Naturidade - vidente que gozava de prestígio por parte da matriarca, pois localizou o corpo do irmão de Emilie, Emir – conseguiu algumas regalias e a proteção da patroa. Mas essa situação durou pouco tempo, até seu afastamento voluntário da intimidade da família, quando os filhos de Emilie a fizeram perceber que era uma intrusa.

Um amigo da família, o alemão Donner, assim se referia ao comportamento da família de Emilie em relação aos serviçais: “Aqui reina uma forma estranha de escravidão. A humilhação e a ameaça são o açoitado; a comida e a integração ilusória à família do senhor são as correntes e as golilhas.” (HATOUM, 1989, p. 88).

A narradora não relata o que aconteceu com Anastácia após a ruína da família, mas deixa índices de que ela se foi, mas deixou a “herança” da escravidão, da subserviência e da exploração para a filha, que se tornou uma das “afilhadas” de Emilie e aparece no romance como a serviçal que recebe a narradora em sua volta para casa.

Em *Cinzas do Norte* (2005), Hatoum cria Naiá, que aparece na narrativa já como uma mocinha, levada para a casa de Trajano Matoso e sua esposa Alícia, para



cuidar de Mundo, o herdeiro da riqueza do suposto pai, construída com a exploração da borracha e da castanha.

Essa personagem, ainda que tenha características bem parecidas com as das empregadas dos dois primeiros romances (mora com a família a que serve, não tem salário, é nativa da região), teve acrescentado à sua personalidade um pouco mais de independência, pois circulava pela vizinhança, saía para se divertir e agia com uma certa insolência em relação aos patrões. Seu comportamento demonstra o que parece ser falha de caráter, mas muitos índices nos levam a percebê-lo também como o meio que encontrou para amenizar a sensação de escravidão. Naiá gozava de muita intimidade com a patroa, era sua cúmplice no caso amoroso que mantinha com um antigo namorado, Ranulfo, tio do narrador, Lavo. Ranulfo revela em um manuscrito dirigido a Mundo que Naiá ganhava dinheiro, perfume e noites livres para ir às festas em troca da manutenção do segredo e da ajuda aos amantes. Era fiel aos patrões, cuidava de Jano em suas crises de diabetes, de Mundo quando apanhava do pai e de Alícia em suas bebedeiras, mas contava tudo o que acontecia na casa para Ramira, irmã de Ranulfo. Sua influência e a dependência dos patrões em relação a ela crescem ao ponto de em determinado momento ela tomar iniciativas e dar ordens à patroa, que estava em crise com o marido. Lavo relata que quando Jano tem uma grave crise da doença

Implorou à empregada que convencesse a mulher a dormir com ele. Alícia relutou. Então Naiá agiu como uma amiga indignada: levou a patroa ao quarto e, diante do homem pálido e triste ali deitado, ameaçou: “Ou a senhora dorme aqui ou vou embora desta casa”. (HATOUM, 2005, p. 185)

Após a morte de Jano, foi para Rio de Janeiro com Alícia e Mundo e, após a patroa perder toda a herança do marido no carteador, ajudava no sustento da casa fazendo faxina. Tanta fidelidade ainda deu a ela alguma recompensa capital: a patroa deixou em seu nome o pequeno apartamento em que moravam no Rio de Janeiro. Depois da morte de Alícia, Naiá conta para Lavo como se sente: “Agora, sozinha, rezo

pelos três. Foram minha família.” (HATOUM, 2005, p. 300), demonstrando que, como as outras personagens acreditava também na ilusória integração familiar.

Florita, a empregada da família Cordovil, em *Órfãos do Eldorado* (2008), em algumas características se assemelha à Naiá. Tem certa autonomia, até para se deslocar na cidade, goza da confiança do patrão que a levou, quando ainda era uma mocinha, para trabalhar em sua casa e cuidar do seu filho, Arminto, recém-nascido e órfão de mãe. Foi capturada nas matas quando Amando Cordovil buscava uma família de empregados fugidios, mas o patrão assim descrevia sua entrada na família: “Pobre e corajosa, dizia Amando. Não quis fugir com os preguiçosos, largou a família para trabalhar e viver melhor.” (HATOUM, 2008, p. 69).

A narrativa sugere que ela é indígena, pois fala a língua geral, conhecia os mitos da floresta, era muito supersticiosa e tinha outro nome, pois ganhou um novo em seu batismo. Enfim, criou Arminto como se fosse sua mãe, o iniciou na vida sexual e teve importância decisiva quando a ruína financeira da família se anunciava, pois Arminto não tinha iniciativa e foi Florita quem o incentivou a ir à Manaus resolver os problemas da empresa. Seguiu fiel a Arminto, mesmo depois de este perder toda a herança do pai. A recíproca não foi completa, apesar de o rapaz considerá-la a pessoa mais importante da sua vida. Só não ficou desamparada porque os amigos de Amando a ajudaram com o aluguel de um barraco e um tabuleiro de doces e tapioca que garantiam sua sobrevivência. Morreu sozinha, mas, como Domingas, teve lugar no jazigo da família. Mais uma integração ilusória.

Percebe-se, assim, nas empregadas personagens da obra hatoumniana, uma mudança no comportamento e na forma de relação com seus patrões. Anastácia Socorro era calada e totalmente submissa. Domingas também, mas exercia um papel mais ativo na família; Naiá e Florita tinham mais intimidade com os patrões e exerciam influência em suas decisões. Em comum, todas elas preenchiam os vazios deixados pelos membros das famílias e, de algum modo, os agregavam nos momentos de crise. As duas primeiras eram totalmente escravizadas, as duas últimas gozavam de um pouco mais de liberdade, mas nenhuma deixava de ser explorada.

4. Algumas conclusões

Antonio Candido esclarece que quando o romancista cria uma personagem combina em graus variáveis a memória, a observação e a imaginação “sob a égide das concepções intelectuais” (CANDIDO, 1992, p. 74), e que todo esse trabalho passa na esfera do seu inconsciente. A realidade exterior tem sua importância na construção da personagem, mas é a função que esta exerce na estrutura do romance que comunica sentimento de verdade. Para ser verossímil, o romance tem que ter coerência interna.

Esse fator é perceptível nas personagens em estudos. Hatoum teve o cuidado de caracterizá-las de modo que a participação de cada uma na estrutura do romance e da novela se entrosou perfeitamente com a composição geral e com a concepção de cada obra. Suas histórias dependem das histórias das outras personagens, do contexto histórico da trama e do lugar que cada uma ocupa na sociedade representada na narrativa. Além da função de agregar a família nos momentos de crise e preencher seus vazios afetivos, essas personagens são fundamentais na construção da narrativa das quatro obras, que se caracterizam como memorialísticas. É da memória de cada uma delas que os narradores extraem boa parte dos fatos que não foram vivenciados por eles.

Como foi demonstrado, o universo ficcional explorado por Milton Hatoum traz, dentre os vários temas possíveis de serem explorados, uma reflexão sobre o caráter do trabalho doméstico em um período de expansão e mudança da economia na Amazônia. Caráter que variou muito pouco desde o nosso passado histórico até a sociedade moderna. Além disso, explora a condição feminina da cabocla e da indígena, que em cada narrativa, sendo adultas, jovens ou crianças estão envolvidas em um contexto de exploração da mão-de-obra e de violação de direitos mínimos, fundamentais à manutenção da sua dignidade.

Os fragmentos desses seres históricos, antropológicos, vivos na memória do autor, mas reelaborados no plano da narrativa, reunidos em cada uma dessas personagens, lhes confere identidade própria, tornando-as únicas e pulsando vida. Ainda



que sejam vidas vividas à sombra de outras a quem serviram fielmente até a morte, suas ou delas.

Referências

BENCHIMOL, Samuel. **O crescimento de uma cidade no vale amazônico**. Raízes da Amazônia, Manaus-AM, Ano I, v. 1, nº 1, p.135-159, ago. 2005. Disponível em: http://chs.inpa.gov.br/arquivos/raizes_n1_artigos.pdf. Acesso em: 06 de abril 2012.

CANDIDO, Antonio. A personagem do Romance. In: CANDIDO, Antonio *et al.* **A Personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009. P. 51-80.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Laços de parentesco: ficção e antropologia**. Raízes da Amazônia, Manaus-AM, Ano I, v. 1, nº 1, p.81-88, ago. 2005. Disponível em: http://chs.inpa.gov.br/arquivos/raizes_n1_artigos.pdf. Acesso em: 06 de abril 2012.

_____. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MUBARAC SOBRINHO, R. S. **Crianças Indígenas “Urbanas”: aproximações a uma historiografia da Amazônia**. EccoS, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 467-488. jul/dez. 2007.

O escritor da Manaus não-exótica, da literatura universal. 22 mai. 2009. Disponível em: <http://www.icarabe.org/CN02/entrevistas>. Acesso em: 02 de abril 2012.

REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.